

Descaso na Educação surpreende Hingel

JOSÉ PAULO TUPYNAMBÁ

BRASÍLIA — O ministro da Educação, Murílio Hingel, não entendeu quando o embaixador chinês Chen Yunao o convidou para participar de uma conferência interna em seu país sobre a erradicação do analfabetismo. "Se é interna, por que estão me chamando?", pensou o ministro. Foi somente naquela tarde de 26 de março que o ministro brasileiro ficou sabendo que o Brasil, juntamente com a China e outros sete países, havia se comprometido em conferência mundial a apresentar um plano decenal de educação para todos no próximo 3 de junho, em Paris. O convite do embaixador era para que Hingel conhecesse o que seu país já estava fazendo.

O próprio Hingel não esconde seu espanto, fruto da falta de continuidade das ações governamentais no Brasil. Nos três anos decorridos desde a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, na Tailândia, o país teve dois presidentes e quatro ministros da Educação. O atual afirma que encontrou o Ministério sem sequer um esboço do plano decenal. O deputado Eraldo Tinoco (PFL-BA), seu antecessor, escuda-se nos seus 58 dias de minis-

tro, período que julga suficiente apenas para o levantamento de informações. José Goldemberg, segundo ministro da Educação de Collor, também não conhecia o projeto:

— Não sei do que se trata.

A entrega do plano decenal pelo Governo brasileiro, no entanto, é essencial para que o Brasil consiga financiamentos para a educação no exterior. Miguel Enriquez, representante da Unesco no Brasil, afirma que a não apresentação do projeto brasileiro no encontro da França iria marginalizar o país no cenário político de cooperação internacional. Enriquez reconhece que sua instituição não tem dinheiro, mas sabe que o aval da Unesco pode significar a chave dos cofres do Banco Mundial.

Já Carlos Chiarelli, primeiro a chefiar a Educação no Governo Collor, defende-se citando a conferência internacional e cerca de 400 reuniões municipais realizadas nos 17 meses de sua gestão. Criticando a "preservação da memória" dos trabalhos de um ministro para seu sucessor, acaba por acertar Goldemberg.

— Fico satisfeito porque o trabalho do ministro Hingel é parecido com o meu, mas entre eu e ele houve um hiato, com uma linha de trabalho menos voltada para o ensino básico — disse.



Murílio Hingel: surpresa com a falta de continuidade das ações governamentais

2-2-93